

Alexandre Herculano e a Real Biblioteca Pública do Porto: um caso exemplar

Cidadão de todas as repúblicas, membro de qualquer sociedade, contemporâneo de qualquer século, só o homem dado à leitura pode com verdade dizer que para ele foi o Universo criado.

A. Herculano, *O Panorama*, n. ° 1, 1837.

1. Limiar

O convite que a Faculdade de Letras da Universidade do Porto me endereçou para estar aqui hoje, no âmbito do 2º Centenário do Nascimento de Alexandre Herculano, muito me honra. Sei que, mais do que por méritos que não tenho, ele surgiu devido à circunstância, para mim feliz, de ter servido, por muitos anos, a Biblioteca Pública Municipal (BPMP) e o Porto, cidade do meu berço. A apresentação de um trabalho, ainda que breve, sobre um tema que há anos, por razões que são visíveis, suscita o meu interesse, constitui, nesta oportunidade, também um tributo àquela que é a minha Escola, herdeira da primeira Faculdade de Letras do Porto e continuadora do espírito inovador do Centro de Estudos Humanísticos, que, como sabemos, representou um expressivo momento de cooperação interinstitucional, envolvendo a Universidade, a Câmara Municipal e o Estado. Eram tempos difíceis, mas em que parecia haver uma noção clara do que é ser um Homem de Letras e do que são as Humanidades. Não se esperem grandes novidades a respeito do assunto de que me propus falar mas, tão-só, uma tentativa despreziosa de enquadrar a vida e a ação de um grande Homem, admirando a sua multifacetada obra, os valores que personificou e, de um modo especial, as marcas indeléveis que deixou na Real



Alexandre Herculano

Biblioteca Pública do Porto (RBPP), que então despontava, marcas essas que, geração após geração, nos foram sendo transmitidas.

2. Continuar Herculano

Momentos como este são propícios a lembrar – pois fazer memória é também um imperativo ético dos homens – outras pessoas que, naquela mesma casa, deram à Cidade e à Cultura a melhor parte das suas vidas, todo o seu saber, uma dedicação sem limites.

Poderiam citar-se muitos nomes, mas o tempo autoriza-nos a dizer só alguns. A Diogo de Góis Lara de Andrade, o primeiro 1.º bibliotecário – par de Alexandre Herculano – seguiram-se personalidades como Francisco Veloso da Cruz, Pedro da Fonseca Serrão Veloso e João Nogueira Gandra. Foi este último quem, logo em 1844, escreveu um texto de fundo sobre a História da Biblioteca. Na segunda metade de oitocentos, destacam-se Antero Albano da Silveira Pinto e Eduardo Augusto Allen, que foi também diretor do Museu Municipal, ambos protagonistas de um longo período de estabilidade e de crescimento da Biblioteca. No séc. XX, na transição para a República, surgem Rocha Peixoto e Sampaio Bruno, sucedendo-lhes João Grave e Joaquim Costa. Finalmente, na segunda metade

do século passado, lembremos, já nossos contemporâneos, António Cruz, professor e diretor desta Faculdade, e Maria Fernanda de Brito.

3. O Centenário da Morte – Porto, 1977

Nesta circunstância é de sublinhar que foi por iniciativa justamente de Maria Fernanda de Brito que se realizou – em tempo de dificuldades financeiras para o Município e para o País, e no início de grandes obras de remodelação da BPMP – um programa comemorativo do Centenário da Morte de Alexandre Herculano, traçado com linhas sóbrias, digno e de elevado nível científico. Um ciclo de conferências reuniu o escol da Universidade Portuguesa. Vitorino Nemésio, além de ter prefaciado o catálogo da exposição do Porto, proferiu uma notável conferência, que se julga ter constituído a sua última lição pública – “Alexandre Herculano: perfil de um escritor”. Este ciclo prosseguiu com as intervenções de José Augusto Seabra (“Alexandre Herculano, o político”), Óscar Lopes (“Reflexões sobre Herculano como polemista”), Vitorino Magalhães Godinho (“Alexandre Herculano, historiador”), Joaquim Veríssimo Serrão (“Alexandre Herculano e a fundamentação da História de Portugal”) e Jacinto do Prado Coelho (“Herculano, poeta: uma imagem em negativo”). Quer da exposição, quer das conferências foram editados, na melhor tradição do Município, os correspondentes registos.

4. Uma questão de imagem

Antes de entrar propriamente no tema, ser-me-á, por certo, permitida uma breve nota pessoal, pois tive, se calhar como muitas outras pessoas, uma espécie de problema de desacerto inicial face à imagem de Alexandre Herculano. Quando, nos meus vinte anos, ingressei na BPMP, o ícone herculaniano dominante naquele espaço era o de um homem com algum recorte rústico, hirto, granítico mesmo, com uma estatura moral e cívica que parecia traduzir-se também nos seus traços fisionómicos, solitário, sobre o envelhecido, rosto franzido (ou zangado?), dando força ao que Vitorino Nemésio chamou “a lenda do Herculano intratável, bisonho, bonzo”¹. Mostrava-o, mais ou menos assim, aquela fotografia que hoje se encontra junto à Sala de Leitura de Manuscritos e Reservados, a imagem que, pelo menos desde 1900, tutelara a mesa de trabalho de sucessivos diretores.

Só passado algum tempo, à medida que fui reunindo dados sobre a História da Biblioteca, é que, não sem alguma surpresa, verifiquei não ser esse o Alexandre Herculano que combatera no Cerco do Porto e ajudara a fundar a Real Biblioteca Pública. Ele era, afinal, um jovem de vinte e três anos! A energia revelada naquele pouco tempo de trabalho terá irradiado, em boa medida, da sua juventu-

¹ HERCULANO, Alexandre – *Scenas de um anno da minha vida*. Lisboa: Bertrand, 1934, p. XLIII.

de, mas também dos conhecimentos cedo adquiridos (há muito que Herculano começara a enfrentar as realidades da vida).

A aura daquele que se pode considerar como o paradigma dos bibliotecários e arquivistas portugueses protege, ainda hoje, as pedras do velho Convento de Santo António da Cidade. O nome de Alexandre Herculano confunde-se com o da Biblioteca do Porto.

5. Uma geração notável

Para compreendermos sobretudo os primeiros anos do percurso de Alexandre Herculano, não podemos desligá-lo de toda uma geração, a começar pela figura tutelar de D. Pedro, Duque de Bragança, Regente em nome de D. Maria II. Como, por várias vezes, tem sido sublinhado, o empenhamento do Monarca foi decisivo na criação e instalação da RBPP. Era uma intenção já com algum tempo de gestação e que foi, passo a passo, concretizada. Exemplo do acompanhamento direto e pessoal que D. Pedro prestava à “sua” Biblioteca é a audiência que, em 4 de agosto de 1834, concedeu, no Paço do Porto, ao 1.º Bibliotecário, Diogo de Góis Lara de Andrade, quando este lhe foi apresentar o plano de classificação e a lista de obras a adquirir para a RBPP².

Grande figura contemporânea de Herculano no período do Porto foi Almeida Garrett: o Largo dos Lóios era o seu lugar de tertúlia³. Ambos assumiram o papel do escritor “romântico” que às letras associa as armas. Os dois se alistaram como voluntários. Garrett pertencia ao Batalhão Académico e entregava-se, ao mesmo tempo, à escrita do romance, enquanto Herculano, dos Voluntários da Rainha, pendia mais para a História, vindo a ser dispensado do serviço militar ativo, para fazer face à tarefa urgente de cuidar da biblioteca entretanto sequestrada ao Bispo do Porto.

De entre políticos e governantes refiram-se Cândido José Xavier⁴, professor de Humanidades, secretário particular de D. Pedro IV, Ministro do Reino, Agostinho José Freire⁵, homem de grande cultura e responsável por relevan-

² “Periódico dos Pobres no Porto”, N.º 172, 5 ago. 1834.

³ *Herculano e o Porto*. “O Tripeiro”, Porto, 2.º Anno, n.º 64, 1, 1910, p. 446.

⁴ Ministro que referendou o decreto de criação da Biblioteca, homem culto, emigrado em França e Inglaterra, foi um dos fundadores dos “Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras”, Paris, 1818-1822. Encarregou Alexandre Herculano, em 1832, de trabalhar na *livraria* sequestrada a D. João de Magalhães e Avelar, Bispo do Porto.

⁵ Bacharel formado em Matemática, foi ministro de diversas pastas. Contribuiu, entre outras, para reformas na Biblioteca Nacional e no Conservatório. Sobre o seu papel no processo de fundação da RBPP escreveu José Silvestre Ribeiro: “Sob a influencia destas considerações [necessidade de criar bibliotecas públicas] propoz o illustre ministro Agostinho José Freire, ao Senhor Dom Pedro, Duque de Bragança, e este decretou o estabelecimento da Real Bibliotheca Publica da Cidade do Porto.” O manuscrito que contém o esquema inicial de classificação da Biblioteca provém do seu arquivo pessoal.

te legislação no âmbito do património, Manuel Gonçalves de Miranda⁶, personalidade às vezes um pouco esquecida, mas que teve um papel decisivo nos primeiros tempos da Biblioteca.

De profissões diversificadas encontramos figuras como João Baptista Ribeiro, Diretor da Academia Politécnica e encarregado de formar o Museu Portuense, o Arquiteto da Cidade, Joaquim da Costa Lima Sampaio, elemento central na vistoria e projeto do edifício de São Lázaro, o conceituado livreiro António Alves da Costa Paiva, participante em processos de avaliação de bibliotecas objeto de sequestro. E também Diogo Köpke, Capitão do Exército e Lente da Academia Politécnica, que elaborou um primeiro catálogo dos manuscritos da RBPP e que, com o futuro Barão de Castelo de Paiva, preparou para publicação alguns manuscritos. É justamente no prefácio de uma dessas edições (1841) que Köpke pormenoriza a ajuda que Herculano lhe presta: “... aproveitamos a ocasião para publicamente reconhecermos o quanto lhe somos devidôres pelos valiosos socorros que nos prestou na edição do Roteiro de D. Vasco da Gama, e mui principalmente nas elucidaçoens geographicas.”⁷

Se falamos da sociedade portuense contemporânea de Alexandre Herculano não podemos deixar de referir as pessoas escolhidas para exercer a importante função de encarregado do arranjo das livrarias dos conventos extintos



D. Pedro IV e D. Maria II

⁶ Personalidade próxima de D. Pedro IV, teve uma influência decisiva na instalação da Biblioteca, ocupando, na altura, o cargo de Prefeito da Província do Douro. Bacharel formado em Matemática, foi presidente da Comissão de Emigrados em Londres e Ministro do Governo da Terceira e de vários outros, bem como deputado, par do Reino e conselheiro de Estado. Foi também grão-mestre da Maçonaria.

⁷ ALMADA, André Alvares de – *Tratado breve dos rios Guiné do Cabo Verde*... Publicado por Diogo Köpke... Porto: Typographia Commercial Portuense, 1841, p. v.

ou abandonados: José Eleutério Barbosa de Lima, Manuel Joaquim Duarte Sousa, Henrique Daniel Wenck e José Balbino Barbosa de Araújo, todos eles lentes de Língua Inglesa da Academia Real de Marinha e Comércio do Porto. Note-se como, ainda antes da criação da RBPP, o Governo tinha a preocupação de nomear para esta missão específicos colaboradores à altura. Devem também salientar-se os elementos que formavam a Comissão Administrativa dos Conventos Extintos ou Abandonados⁸, tal como os membros da Comissão Municipal, pessoas, em geral, influentes na sociedade portuguesa do tempo.⁹

Por último, refira-se a Sociedade das Ciências Médicas e de Literatura do Porto, associação onde se encontrava reunida a nata cultural da Cidade e do País¹⁰. Os grupos profissionais presentes eram médicos e farmacêuticos, lentes, advogados e magistrados, ministros e deputados, etc. Juntamente com Alexandre Herculano, vamos ali encontrar diversas figuras conhecidas: Diogo de Góis Lara de Andrade, José Eleutério Barbosa de Lima, Agostinho José Freire, Manuel Gonçalves de Miranda e outros. Foi na revista da Sociedade – *Repositório Literário* – que Herculano publicou (1834) as suas primeiras produções poéticas, de crítica literária e traduções, bem como artigos sobre manuscritos existentes na Biblioteca.

6. A mocidade de Herculano

Consideremos o período da infância e da juventude de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, nascido, lembra-se, em Lisboa, em 28 de março de 1810, filho de Teodoro Cândido de Araújo e de Maria do Carmo de São Boaventura.

Com base no monumento erguido pelo Prof. Vitorino Nemésio, e a quem, por momentos e em homenagem, tomámos o título, tentemos isolar as linhas de formação que marcaram a ação de Herculano ao longo da vida, principalmente enquanto homem das bibliotecas e dos arquivos.

⁸ A Comissão dos Conventos, nomeada por portaria de Mouzinho da Silveira, recebida a 17 de julho de 1832, era composta pelos seguintes membros: Joaquim José Duarte Sousa, Domingos Joaquim d'Almeida e Manuel José Ferreira Sampaio. Logo em dezembro seguinte, é nomeada, por decreto de Joaquim António de Magalhães, uma nova comissão assim constituída: Prior Marcos Pinto Soares Vaz Preto, Abade Manuel Lopes Vieira de Castro, Joaquim José de Sá Passos, Narciso António de Araújo Guimarães, Francisco da Rocha Soares, António Maria de Magalhães e Jerónimo José de Faria. Note-se que J. J. Sá Passos, F. da Rocha Soares e J. J. Faria viriam a fazer parte da Comissão Municipal.

⁹ No período entre 1832 e 1835, foram presidentes das sucessivas comissões municipais do Porto: João Félix de Brito e Sousa (após 13 de julho de 1832), José Pimentel Freire (1833), António Alexandre Rodrigues de Oliveira (até 10 de março de 1834), José da Silva Passos (entre 12 de março e 17 de julho de 1834), novamente António Alexandre Rodrigues de Oliveira (após 17 de julho de 1834), Vicente Ferreira de Novais (1835). Cf. Os *“Homens da Governança” do Município do Porto desde 1428 até 1949*. “Boletim Cultural. Câmara Municipal do Porto”, v. 12 (1949), p. 324-325.

¹⁰ Ver a introdução de Sampaio Bruno a O Livro da Corte Imperial. Porto: RBPPM, 1910 (*Collecção de Manuscritos Ineditos* agora dados à estampa; I).

As primeiras letras aprendeu-as ele na casa paterna, logo continuando os estudos secundários nos Oratorianos, em Lisboa. A Congregação do Oratório era, à época, no nosso país, uma instituição de excelência para a preparação dos jovens, fossem eles destinados à carreira eclesiástica ou a profissões seculares – os “padres das Necessidades ministravam à mocidade uma educação sólida e isenta”. As casas da Congregação distinguiam-se, por outro lado, por possuírem excelentes bibliotecas. No caso da Capital, que é o que ora nos interessa, a livraria ascendia a uns 30 000 volumes.

Das disciplinas que formavam o plano de estudos constavam a Gramática Latina, a Retórica, a Filosofia e a Teologia Moral. Às Humanidades acrescia alguma formação na área das Ciências. Conclui Nemésio: “Em geral, os rapazes saíam dali bem formados e com excelentes recordações”.

Note-se a importância que era dada às línguas e cultura clássicas, em especial ao Latim, mas também às línguas vivas como o Francês, a que o jovem Herculano virá depois a acrescentar o Italiano e o Castelhana. Mais tarde, virá o tempo de fazer a sua iniciação germanística, sob a égide da Marquesa de Alorna.

De 1825 a 1826, cursou o 1.º ano de Matemática da Academia Real de Marinha, mas, em 1827, estava Alexandre Herculano nos seus dezassete anos, a cegueira do pai vem interromper-lhe, abruptamente, os estudos.

Frequentará ainda, em 1830, na Torre do Tombo, a Aula de Diplomática, sob a regência de João Pedro Ribeiro e a efetiva docência de Francisco Ribeiro Dosguimarães [sic], o que lhe proporcionará bases teóricas e práticas para os futuros trabalhos nas livrarias e cartórios do Reino. É de salientar que este curso o habilitaria para o exercício do cargo de oficial do Arquivo da Torre do Tombo e, também, de tabelião ou cartorário.

Finalmente, lembremos aquilo que Vitorino Nemésio designou por “autodidactismo complementar”, escrevendo: “Se o saber clássico de Herculano, pelo menos no aspecto linguístico, vinha basilarmente dos tempos em que foi ouvinte do Oratório, já as suas luzes de lógica, de psicologia, de dialética e mais disciplinas filosóficas deviam ter sido aumentadas com a cultura posterior”.¹¹

7. Tempo de exílio

Os anos que precedem a vinda de Herculano para o Porto são dedicados à luta pela Liberdade. No decurso deles, o exílio, longo e penoso, teve um lugar central, primeiro em Inglaterra, depois em França e, por fim, na Ilha

¹¹ Vitorino Nemésio – *A mocidade de Herculano até à volta do exílio (1810-1832)*. Lisboa : IN-CM, 2003, p. 175.



Convento de Santo António, hoje completamente transformado. Edifício da Bibliotheca Publica.

Terceira. Aí o valoroso soldado voluntário participava nos preparativos da expedição dos “sete mil e quinhentos bravos de Mindelo”.¹²

Neste período de grande adversidade não deixou Herculano de se entregar a atividades como a leitura, a escrita, o estudo das principais línguas, bem como a execução de algumas traduções.

Das bibliotecas estrangeiras que terá frequentado é, geralmente, referida a Biblioteca Pública de Rennes, tendo-se dedicado a leituras que só conjeturalmente se podem determinar, como bem diz Nemésio.

Como é óbvio, todo esse labor intelectual foi acrescer às bases da formação que Herculano já possuía, preparando-o para as exigentes missões que o esperavam na Pátria.

8. Herculano no Porto

8.1 O Cerco

Tomando como exemplo simbólico o Convento de Santo António da Cidade, sigamos uma brevíssima “reportagem”¹³ do Cerco do Porto, até ao final do ano de 1832:

¹² Vitorino Nemésio – *A mocidade de Herculano até à volta do exílio* (1810-1832). Lisboa : IN-CM, 2003, p. 575 e segs.

¹³ Baseada na cronologia elaborada por Maria Adelaide Meireles em *O Convento de Santo António da Cidade*. Porto: BPMP, 1992, p.11-17.

9 de julho – No dia da entrada do Exército Libertador na Cidade, os Religiosos abandonam o Convento, ficando nele apenas Frei Joaquim da Assunção.

14 de julho – Tropas inglesas, que combatem pela facção liberal, ocupam o Convento, furtando móveis, alfaías religiosas e livros.

26 de julho – São fuzilados pelos liberais dois religiosos, que se encontravam refugiados na Quinta do Fojo.

30 de agosto – São inventariados os bens do Convento, em presença de Frei Joaquim da Assunção.

25 de setembro e 3 de outubro – É retirada a “livraria” e entregue ao bibliotecário da Comissão.

Novembro – O Batalhão Francês, que estava aquartelado no Convento, abandona-o, depois de ter nele feito grandes estragos.

13 de novembro – A Comissão compra um livro de coro, pertencente ao Convento, que estava na posse de um soldado francês.

Nós, Portuenses, que, de certa maneira, guardamos memória viva do que foram as Lutas Liberais e, em especial, o Cerco do Porto, esquecemo-nos, por vezes, de como o ambiente em que se vivia era adverso a trabalhos de natureza intelectual e organizativa, como são os de cuidar do património bibliográfico e arquivístico.¹⁴

Os próprios documentos de cunho administrativo refletem todo esse clima. Vejam-se as palavras escritas em 21 de maio de 1833, escassas semanas antes da publicação do decreto de fundação da RBPP, numa exposição a respeito das condições em que se encontrava a biblioteca do Bispo, elaborada pelo encarregado da arrecadação e arranjo das bibliotecas sequestradas, José Balbino Barbosa de Araújo: “... he comtudo o melhor [sítio] que encontrei para pôr a dita Livraria a abrigo do incendio, a que estava exposta, desde que as baterias estabelecidas n’aquelle edificio provocarão hum fogo vivissimo sobre elle, da parte do inimigo...”¹⁵ Por seu turno, Diogo de Góis, dirigindo-se ao Ministro do Reino, Cândido José Xavier, diz: “Espero que a retirada do inimigo facilite a importação da madeira de carvalho, de que precizo” (11 ago. 1833).¹⁶ No mês seguinte (7 set. 1833), queixa-se de as obras

¹⁴ Como já anteriores ocasiões referimos, quem percorrer os livros da Comissão Administrativa dos Conventos Extintos ou Abandonados, preciosa coleção que hoje se encontra no Arquivo Distrital do Porto, apercebe-se, rapidamente, do que foi o enorme e continuado trabalho de recolha, de transporte e, por vezes também, de inventariação de algumas dezenas de bibliotecas e cartórios. Em pleno Cerco, paralelamente a providências urgentes, como procurar instalações para aquartelamento de tropas ou proceder ao tratamento dos feridos em hospitais improvisados, sob os duros efeitos dos combates e bombardeamentos, procedia-se à busca de sítios onde se pudesse guardar tão elevada quantidade de livros e ao seu acondicionamento. Todo esse trabalho era feito juntamente com outras tarefas, que à mesma Comissão competiam, de recolha, inventariação e avaliação de alfaías litúrgicas, quadros e outras obras de arte, de um modo geral de controlo dos bens móveis e imóveis das ordens religiosas.

¹⁵ BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Documentos para a sua História*. Porto: BPPM, 1933, p. 24.

¹⁶ *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, p.5-6.

no Hospício da Cordoaria não poderem ter o necessário andamento “em consequência do chamamento dos operarios para guarnecer as linhas” e, fazendo o balanço do relacionamento e remoção das livrarias, observa quanto à do médico Joaquim José de Almeida: “esta era cobiçada em rasão dos livros de Medicina que nella se encontrarão, e como eu visse, encarreguei o 2.º Bibliothecario de estar constantemente ahi emquanto durasse aquella opperação”.¹⁷ Este tempo de serviço militar, em que Herculano esteve aboletado em casa de Narciso José de Oliveira, na rua do Largo da Fábrica, 120 a 130¹⁸, foi tomado em consideração, como veremos, na escolha para a RBPP: “emigrado, voluntario do Regimento da Senhora D. Maria 2.^a; entrou já em algumas acçoens...”.¹⁹ Era o Soldado n.º 35 da 3.^a Companhia.

8.2 Primeiros trabalhos

Os documentos que conduziram à nomeação de Herculano declaram: “começou a servir espontaneamente no arranjo de varias livrarias abandonadas em novembro [de 1832], e por ordem de V. M. I. em Março [de 1833]”, por conseguinte, antes da fundação da RBPP, oito e quatro meses, respectivamente.

Às “livrarias abandonadas” acrescentaremos a biblioteca sequestrada a D. João de Magalhães e Avelar, Bispo do Porto²⁰. Estão, aliás, bem documentadas as preocupações da Câmara e do Governo quanto à guarda dessa preciosíssima coleção, que alcançara fama muito para além dos limites da Cidade.

Lembremos que, para além de Herculano, havia outro bibliotecário encarregado da custódia e tratamento da biblioteca pessoal do Bispo: Diogo de Góis Lara de Andrade. Em breve, ambos irão transitar para a nova Biblioteca Portuense, da qual os livros do erudito prelado serão um dos núcleos fundadores.

¹⁷ *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, p. 6.

¹⁸ No AHMP, livro do “Recenseamento do Bairro de Santo Ovidio” (1833), Narciso José de Oliveira, Escrivão do Eclesiástico, aparece como morador da casa nº 12-13 do Largo do Correio. Nessa data e neste local foram recenseadas apenas sete casas. É possível que a informação corresponda ao Largo da Fábrica, nºs 120-130, mencionado em “O Tripeiro”, a. 2, n. 64 (1 abr.1910), p. 446.

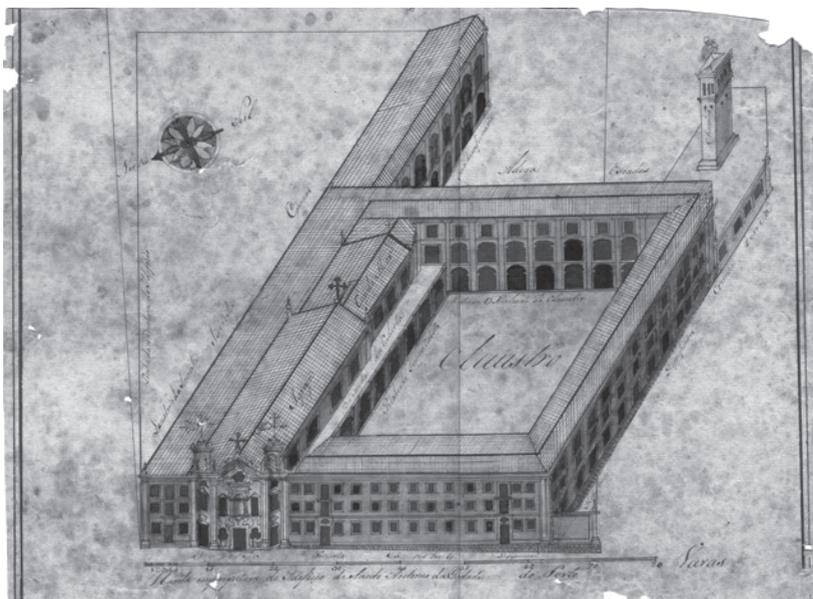
¹⁹ ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO – Sessão de 16 de julho de 1833, Copiador 18 Avulsos 1833-1838, f.113 novo, antigo 108. A-PUB-2172.

²⁰ Logo em 9 de janeiro de 1837, residia já em Lisboa, “em casa de seu Pay Theodoro Cândido Araujo, morador na Travessa do Pombal, numero oitenta e um”, Herculano, é chamado a depor como testemunha no processo que resultará na aquisição pelo Estado da livraria aos herdeiros de D. João Magalhães e Avelar. Cf. *Memoria ácerca da livraria...*, p. 53-54.

8.3 Razões de uma escolha

Importante é, quanto mais não seja por nos encontrarmos numa universidade que forma bibliotecários, o livro de sessões da Câmara hoje aqui presente²¹, que contém a indicação dos três candidatos ao lugar de 2.º Bibliotecário.

Vejamos, então, as razões que sustentaram a indicação do nome de Alexandre Herculano por parte da Comissão Municipal. Segundo determinava o decreto de 9 de julho de 1833, competia à Câmara, em conjunto com o 1º Bibliotecário, que era de nomeação direta do Governo, apresentar ao Ministro do Reino e Inspetor da Biblioteca, uma lista tríplice, a partir da qual o Governo tomaria a decisão final. A Comissão Municipal reuniu a 16 de julho de 1833, na rua da Torrinha, onde provisoriamente realizava as suas



Planta e perspectiva do edifício do Convento de S.º Ant.º da Cidade

²¹ ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO – Sessão de 16 de julho de 1833, Copiador 18 Avulsos 1833-1838, f.113 novo, antigo 108. A-PUB-2172. Ver tb. Ata da vereação de 16 de julho de 1833, f. 168 v.-169 v. A-PUB-00107.

O modo como “chegámos” ao apuramento das habilitações dos três candidatos ao lugar de 2º Bibliotecário é paradigmático. Os diversos arquivos devem sempre articular-se entre si, como redes, ou melhor, como sistemas organizados com base na complementaridade de fundos e colecções. Foi este o caso, por ordem de pesquisa: BPMP (Arquivo Histórico) – Arquivo Histórico Municipal do Porto – Arquivo Distrital do Porto – Arquivo Nacional da Torre do Tombo – e novamente AHMP – BPMP. O mesmo se poderia dizer quanto à interligação essencial que caracteriza as bibliotecas, os museus e outras organizações que igualmente lidam com o património cultural.

sessões. Estiveram presentes José Pimentel Freire, Presidente, Arnaldo Vanzeler, Vice-Presidente, Joaquim José de Sá Passos, José Joaquim Vieira de Sá, Cristóvão da Cunha Lima Sampaio e Jerónimo José de Faria.

Dessa lista constavam três nomes, com a indicação sumária da respetiva fundamentação:

1.º – Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, de 23 anos de idade, Voluntário da Rainha, por ser conhecedor das principais línguas e de Diplomática e também por ter já trabalhado voluntariamente em várias bibliotecas “abandonadas”;

2.º – José Rodrigo Passos por, há mais de 25 anos, ser Professor Régio de Gramática Latina. [Virá a ocupar o cargo de Comissário dos Estudos (Reitor) e Professor de Latinidade do Liceu Nacional do Porto];

3.º – José Augusto Salgado, de 24 anos de idade, Voluntário do 3.º Batalhão Móvel, bacharel formado em Cânones, por ser conhecedor das línguas francesa e inglesa e de Matemática e Desenho. [Virá a ser Secretário da Academia Politécnica do Porto].

A nomeação de Alexandre Herculano, em 17 de julho de 1833²², expressa o reconhecimento de um certo grau de especificidade quanto às habilitações literárias requeridas para o preenchimento do lugar de 2.º bibliotecário da RBPP. Com efeito, os critérios que presidiram à feitura da lista tríplice davam relevo ao domínio das línguas vivas e mortas, à formação em Diplomática e à experiência anterior de trabalho em bibliotecas, tendo por base uma formação fosse em Letras (1.º e 2.º elementos), fosse em Ciências (3.º elemento). Como era natural nesse tempo, contava também o passado liberal dos candidatos.

É nesta mesma linha que, quase dois anos mais tarde, através da Portaria de 5 de maio de 1835²³, assinada por Agostinho José Freire, as habilitações necessárias para os concursos de seleção do pessoal superior da Biblioteca Real da Corte (Biblioteca Nacional) foram adequadas, desta feita e à semelhança do que sucedia nas bibliotecas estrangeiras congêneres, às características próprias de cada um dos serviços: línguas mortas e/ ou línguas modernas, Paleografia e Numismática, conhecimentos bibliográficos, Geografia, etc., sendo adotada também a figura do concurso público com provas teóricas e práticas.

²² Repare-se na celeridade com que decorreu o processo de escolha e nomeação de Alexandre Herculano. O 1.º bibliotecário, Diogo de Góis Lara de Andrade, que fora nomeado em 10 de Julho de 1833, um dia após a instituição da Real Biblioteca, é convocado pela Câmara, a 13 de Julho, sendo Alexandre Herculano nomeado logo a 17 do mesmo mês.

²³ *Collecção de leis e outros documentos officiaes...*, 4.ª série. Lisboa: Imprensa Nacional, 1837, p. 147-148.

8.4 Ao serviço da Real Biblioteca

Podemos identificar diversas áreas de atuação de Alexandre Herculano, a nível da RBPP²⁴:

- a) Colaboração nos procedimentos não só de incorporação de livrarias de ordens religiosas, como de sequestro de bibliotecas particulares.
- b) Seleção das peças mais importantes para a RBPP (ex. Tibães²⁵ e Santa Cruz de Coimbra²⁶).
- c) Inventariação dos manuscritos, tarefa esta partilhada com o 1.º Bibliotecário, como atestam a numeração e rubricas “And.^o” [Andrade] e “Ar.^o” [Araújo]. Terá sido, provavelmente, este estudo que permitiu a Herculano, passados vinte anos, fazer a seleção dos manuscritos que foram chamados à Academia.
- d) Catalogação, não só de impressos como sobretudo de manuscritos, feita em verbetes. Em outubro de 1835, a Biblioteca vai solicitar à Câmara livros em branco para, de acordo com as grandes classes, se passarem a limpo “os catálogos alfabéticos, que estão promptos na sua 1ª forma de bilhetes”²⁷.
- e) Classificação que permitiu organizar a nova biblioteca de acordo com o sistema de Brunet, como consta do documento inédito aqui hoje exposto. Também neste particular houve a preocupação de compaginar o Porto com o que de melhor se praticava lá fora²⁸.
- f) A vitória, efetuada no final do ano de 1832²⁹, por ordem do Prefeito do Douro, Manuel Gonçalves de Miranda, ao edifício do Convento de Santo António da Cidade, revestiu-se de grande importância. A comissão era

²⁴ Diz o texto introdutório ao livro do centenário da BPMP: “Os primeiros trabalhos de ordenação das espécies bibliográficas foram confiados a uma Comissão, de que faziam parte, além dos referidos funcionários [o 1º Bibliotecário, Diogo de Góis Lara de Andrade e o 2º Bibliotecário, Alexandre Herculano], João Baptista Ribeiro, o Padre Marcos, António José da Costa Lobo e Joaquim da Costa Lima.” Cf. *Biblioteca Pública Municipal do Porto: Documentos para a sua História*. Porto: BPMP, 1933, p. [9].

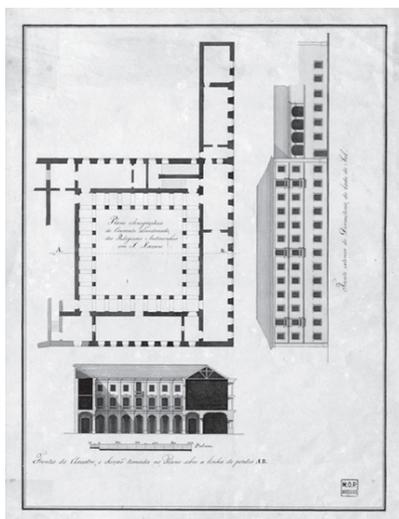
²⁵ Veja-se a conferência *Alexandre Herculano e o património cultural: palavras “entre Douro e Minho”*, Braga, Universidade do Minho/ Casa-Museu Nogueira da Silva, 25 de novembro de 2010.

²⁶ Herculano realizou a escolha ou selecção na livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra desde 19 de maio até 25 de junho de 1834, dia em que despachou para o Porto “vinte e oito caixões com livros e papeis” (Vejam-se o conhecimento de embarque da Figueira da Foz para o Porto, o respectivo recibo e a conta existentes no Arquivo Distrital do Porto).

²⁷ Trata-se dos catálogos chamados de Alexandre Herculano, hoje na casa-forte da BPMP, e que, em 1836, serviram para o acto de transmissão da Biblioteca entre Diogo de Góis e o seu sucessor, Francisco Veloso da Cruz.

²⁸ *Organização da Real Bibliotheca Publica da Cidade do Porto*, [s. d.], colecção particular.

²⁹ BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Documentos para a sua História*. Porto: BPMP, 1933, p. 30 e segs.



Plano ichnographico do Convento Abandonado dos Religiosos Antoninhos em S. Lazaro.

composta por Diogo de Góis Lara de Andrade, por Alexandre Herculano e pelo Arquitecto da Cidade, Joaquim da Costa Lima Sampaio. Desse trabalho resultou a decisão, de larga visão de futuro, de instalar, definitivamente, mas não sem alguma oposição da Câmara, no convento franciscano a Biblioteca Pública e o Museu³⁰.

9. A demissão

É bem conhecido o facto de Alexandre Herculano, em 17 de setembro de 1836, pedir ao Presidente da Câmara a demissão do lugar de 2.º Bibliotecário da RBPP, por, na sequência da Revolução de Setembro, ter sido chamado a jurar a Constituição de 1822, o que contrariava idêntico ato face à Carta Constitucional, três semanas antes.

³⁰ À semelhança do que de maior qualidade havia no estrangeiro, deste projeto constava, no espaço fronteiro, um passeio público e um jardim que deveria servir não só ao recreio, como também à instrução na Agricultura, Artes e Farmácia. Completaria o conjunto uma Sociedade Promotora da Indústria. O desenho agora apresentado ao público – *Perspectiva do edificio do Convento de Santo Antonio da Cidade* – é uma representação pormenorizada do tempo em que a casa foi visitada pela comissão que Herculano integrava. Aquisição muito recente da Câmara para a Biblioteca Pública Municipal do Porto, vem permitir não só obter uma visão de conjunto do edificio, como também conhecer a distribuição funcional dos espaços da Igreja e do Convento. Constitui um excelente complemento das imagens até agora conhecidas: o desenho da fachada do Convento, por Joaquim Cardoso Vitória Vilanova, 1833, e a planta e o alçado enviados ao Governo, em março de 1834.

1ª carta de Alexandre Herculano

Ill.mo Snr. Persuadido pela voz da intima consciencia de que não devo prestar o juramento p.a que V. S.a me convida no seu Officio de hoje, julguei também me cumpria comunicar-lhe immediatamente a minha resolução. A fé que prometti guardar à Carta Constitucional da Monarquia sellei-a com as miserias do desterro e com os padecimentos e riscos de soldado, que passei na emancipação da Patria; – para a conservação de um cargo publico não sacrificarei, portanto, nem a religião do juramento, nem o orgulho que me inspiram as minhas acções passadas. Pode, assim, V. S.ª declarar a essa Ill.ma Camara que o meu lugar de Segundo Bibliothecario está vago, para que ella proponha ao Governo actual, para o preencher, qualquer outra pessoa, que por certo, melhor do que eu desempenhará as obrigações a elleannexas. – Deos guarde a V. S.ª – Porto 17 de Setembro de 1836. – Ill.mo Snr. Manoel Pereira G.es – Alexandre Herculano de Carv.º e Araújo.³¹

2ª carta de Alexandre Herculano

Ex.mo Snr. Manuel da Silva Passos.

Ha um mez que o 1.º bibliothecario da Bibliotheca Publica d'esta cidade e eu fomos convocados para prestar juramento á Constituição de 1822, que então e hoje, de futuro alterada, felizmente nos regia e rege. Ambos recusamos praticar esse acto: procedimento a que, pela minha parte, me levaram as rasões que V. Ex.ª verá da resposta que dei, e que remetto inclusa. Foi logo demittido o meu collega, e eu ainda aqui estou esquecido.

Não attribuo isto a falta de equidade de V. Ex.ª porque reconheço a rectidão da sua alma e que nem odio nem affeição seriam capazes de torcer os principios de V. Ex.ª, antes o lanço á conta dos muitos cuidados e negocios que cercam a V. Ex.ª no alto cargo em que o collocou o voto unanime da Nação, e a livre escolha de S. M. a Rainha. Só da minha insignificancia me dão, que fez não ser eu lembrado de V. Ex.ª, que a tantos, com mão profusa, tem liberalizado a honra da demissão. Não creia V. Ex.ª que por este modo a peço; porque nem uma demissão pedira eu ao Governo actual: esta minha carta é apenas um memorial que levo á presença de V. Ex.ª como se eu fosse alheio ao caso, porém não indifferente á boa fama e gloria de V. Ex.ª.

A Providencia se não esqueça de V. Ex.ª, nem de nós, como todos precisamos para que Portugal seja salvo.

Porto 19 de Outubro de 1836.

(a) Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo.³²

³¹ BPMP – Copiador 1833-1841

³² Bessa, Alberto – *Herculano no Porto: uma carta pouco conhecida*. “O Tripeiro”, Porto, ano 2, n.º 66, 20 Abr. 1910, 471-472

Carta de Diogo de Góis Lara de Andrade

Illm.º Snr. – Em resposta ao officio de V. S.ª em data de hoje, pelo qual me convida a apresentar-me no Paço do Concelho, a fim de ahi prestar juramento à Constituição de 1822, tenho a honra de participar a V. S.ª que, não consentindo a minha consciencia que eu perjure o juramento que á três semanas / pela segunda ou / prestei – de fidelidade á Carta e á Rainha – não me é dado faze-lo.

E pois que preferi andar arrastado de masmorra em masmorra, a faltar à fé jurada, e que depois de tantos sufrimentos, vim voluntariamente expôr a minha vida, na defesa de tão caros objectos, não será avançado em meus cançados dias, que farei um acto em opposição com antecedentes que me hão valido a estimação geral. A vista do que levo exposto V. S.ª se servirá convocar, para o fim indicado, os Empregados que me são subordinados. Deos guarde a V. S.ª – Porto 17 de Setembro de 1836.

Ill.mo Snr. Manoel Pereira Guimarães. Presidente da Camara Municipal – Diogo de Goes Lara d'Andrade³³

Dois ou três pontos deverão frisar-se a respeito da demissão de Herculano:

- a) Várias outras personalidades de relevo na Cidade se afastaram, como, por exemplo, José Ferreira Borges ou juizes da Relação, lentes da Academia e outros altos funcionários;
- b) É muito menos conhecida a segunda carta de Herculano, desta feita dirigida a Passos Manuel³⁴;
- c) Na data, Diogo de Góis assumiu idêntica posição, mantendo-se, no entanto, a aguardar (“preferi, ficar como GUARDA deste Estabelecimento, até que o meu sucessor tomasse conta delle, e dess’arte facilitar ao publico as mesmas vantagens que dantes gosava”³⁵) a nomeação do seu sucessor, Francisco Veloso da Cruz, a quem transmitiu a direção da instituição, procedendo ambos à “conferência” do património.

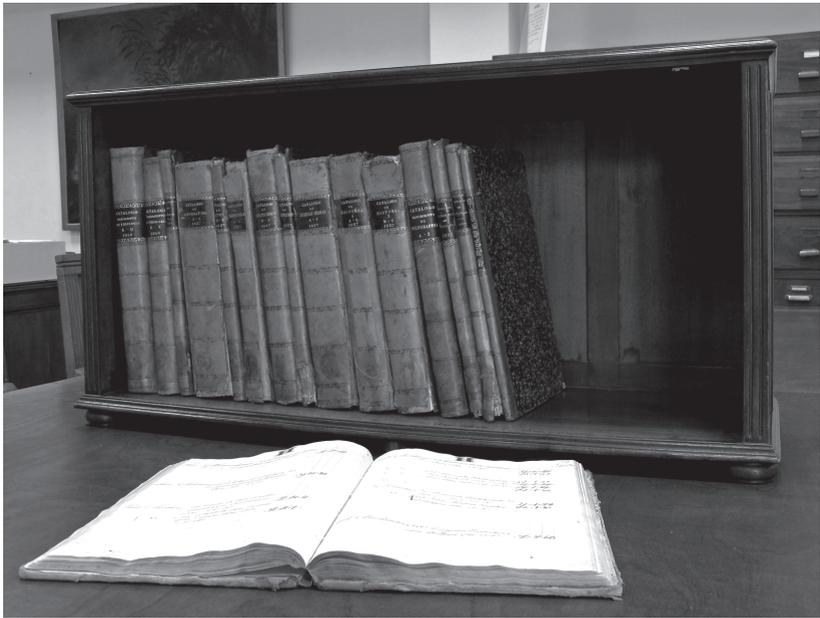
Diogo de Góis foi demitido a 1 de outubro de 1836 e Alexandre Herculano exonerado a 22 do mesmo mês. O primeiro residia, na altura, na rua da Boavista, n.º 2, e o segundo na viela dos Gatos, n.º 13 ou 63³⁶.

³³ BPMP – Copiador 1833-1841.

³⁴ CABRAL, Luís; MEIRELES, Maria Adelaide – *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Lisboa: Inapa, 1998.

³⁵ VALENTE, Vasco – *Biblioteca Pública Municipal do Pôrto: novas achêgas para a sua História*. “Boletim Cultural. Câmara Municipal do Porto”, v.1, n. 3 (Set. 1938).

³⁶ Em 1834, Herculano morou na Rua de Trás da Sé, n.º 7.



Catálogos de Alexandre Herculano.

10. Na Biblioteca da Ajuda

Tendo deixado o Porto, Alexandre Herculano é nomeado, por D. Fernando II, bibliotecário das Bibliotecas Reais da Ajuda³⁷ e das Necessidades. O centro da sua vida passava, então, para Lisboa, continuando naquele mesmo ambiente de livros e documentos que lhe era tão caro, desde a juventude. São os anos dos *Portugaliae Monumenta Historica* (PMH) e da sua *História de Portugal*...

Uma nota especial merece o ambiente da casa do “Mestre” – “Eremitério” era o nome que, segundo Bulhão Pato³⁸, os amigos davam à residência de Herculano na Ajuda, onde passava ou se reunia gente como Rebelo da Silva, Oliveira Marreca, o Marquês de Sabugosa, Caldas Aulete, Rodrigo Felner, o Duque de Saldanha, D. José e D. João da Câmara, o Duque de Palmela, João Pedro da Costa Basto³⁹ e Bulhão Pato, é claro.

³⁷ Mariana Machado Santos – *Alexandre Herculano e a Biblioteca da Ajuda*. Coimbra, 1965.

³⁸ Bulhão Pato – *Memórias*. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1986.

³⁹ João Pedro da Costa Basto, amigo íntimo de Herculano, seu colega em Diplomática, era funcionário da Torre do Tombo e colaborador dos PMH, tendo-o acompanhado nas suas viagens em 1853-1854.

Mais tarde e já longe da capital, Herculano porá a sua casa da Ajuda ao dispor de Carolina Michaëlis, viabilizando-lhe condições para o trabalho no Cancioneiro da Ajuda – “Meses felizes e saudosos (de Maio a Setembro de 1877) gastei na empresa de decifrar e copiar, com paixão e paciência, essas paginas seis vezes seculares (...). Não devo esquecer os manes de Alexandre Herculano, que jentilmente nos cedeu em 1877 durante o verão a sua casa contigua á Biblioteca”⁴⁰.

11. Outra vez o Norte

1853 - 1854

É agora o tempo do serviço à Academia Real das Ciências, na preparação dos *Portugaliae Monumenta Historica* (PMH). Em 1853 e 1854, o Historiador percorre o que de mais importante havia na Estremadura, Beiras e Entre-Douro-e-Minho, desde conventos até à biblioteca e cartório da Universidade, passando por arquivos de cartórios de mitras e cabidos, até alguns paroquiais⁴¹.

A 21 de outubro de 1854, foram requeridos pela Academia à RBPP, a fim de seguirem para a Torre do Tombo, catorze códices, na sua maioria medievais e oriundos de Santa Cruz de Coimbra, com vista aos PMH. Notemos o extremo cuidado posto pelo Presidente da Câmara, então o Visconde da Trindade, dando instruções ao bibliotecário João Nogueira Gandra, quanto às condições de cedência e às garantias de devolução desse preciosíssimo património⁴².

Recorde-se que, nessa mesma ocasião, para além das espécies escolhidas na Biblioteca seguiram também dos arquivos do Porto: “os documentos, que o socio commissario da Academia Real das Sciencias o Snr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo encontrou no Cartorio da Fazenda do Governo Civil, na Bibliotheca Publica do Porto, nos Archivos da Sé, e Mitra da mesma cidade”⁴³.

1858

Herculano cruza-se, de novo, com aquela que fora a sua Biblioteca, pressionando a Câmara no sentido de propor ao Governo o nome de Camilo Castelo Branco para o lugar de 2.º bibliotecário, deixado vago por morte de João Nogueira Gandra.

⁴⁰ Introdução ao *Cancioneiro da Ajuda*.

⁴¹ *Apointamentos de Alexandre Herculano pelo país em 1853 e 1854*. “Arquivo Histórico Português”, vol.9,1914,p.402-403.

⁴² BPMP – Ofício de 1854.11.09. Como se sabe, nunca regressaram ao Porto os códices 884 e 854 (*Memórias de Paço de Sousa*).

⁴³ No livro 3.º de Próprias do Arquivo da BPMP, encontra-se uma cópia autenticada de um ofício dirigido ao Conde de Azevedo, em 30 de novembro de 1854, em que é referida a urgência desta documentação seguir para Lisboa.

Num célebre artigo publicado no *Jornal do Comércio* (Lisboa) e transcrito pela *Aurora do Lima* (Viana do Castelo), escreveu palavras duras, no seu estilo próprio e assumindo a conhecida postura. Eis algumas passagens do artigo “A Bibliotheca do Porto”, de Alexandre Herculano (que, aliás, nesse mesmo ano de 1858, propõe Camilo para sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa):

“Conferir a uma camara a designação de um individuo proprio para funções litterarias é o mesmo que encarregar um conselho de administração regimental da escolha de um bispo, ou a faculdade de theologia da escolha de um commandante em chefe (...).

Consta-nos que entre os concorrentes se apresenta o Sr. Camillo Castello Branco. Se no Porto ha um vislumbre de respeito ao talento, nem a camara pode deixar de o apresentar ao governo como candidato, nem o governo de o revestir das funções que sollicita (...).

A rejeição do Sr. Camillo Castello Branco seria um verdadeiro abuso, uma prevaricação municipal (...).

Recomendamos ao governo a vigilancia n’este negocio, por honra sua, da segunda cidade do reino, e d’este paiz, que conforme o que geralmente se crê, pertence ao gremio das nações civilisadas.”⁴⁴

O resultado, porém, foi nulo e o escolhido acabou por ser Eduardo Augusto Allen, a quem Camilo, como se sabe, não mais perdoaria.

12. Solitário em Vale de Lobos

Em 1859, Herculano, aos quarenta e nove anos de idade, volta-se para Vale de Lobos, aí comprando uma quinta, dando corpo a gostos e aspirações antigas.

Bulhão Pato testemunha a continuidade do seu labor intelectual: “além da revisão de provas, escrevia sempre”, “lia traduções francesas, alemãs, inglesas e italianas”⁴⁵. Ao mesmo tempo, dedicava-se, com grande paixão, à Agricultura, atingindo, também nessa área, uma posição de excelência.

É esse para ele o lugar predileto de repouso, uma espécie de templo de solidão, remanso inclinado à reflexão e ao encontro com a consciência. Aí morre, ao cair do Verão, em 13 de setembro de 1877, o exilado de Vale de Lobos. E a leitura, a escrita, as memórias, mais uma vez a sua postura cívica, num fechar de ciclo, talvez confirmando a tal figura hirta, de antes quebrar que torcer...

⁴⁴ BAIÃO, António – *Homenagem a Camilo no seu centenário: (1825-1925)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 47-50.

⁴⁵ Bulhão Pato – *Memórias*. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1986.



Registo da RBPP

Coincidência, por certo, no início desse ano, a Câmara Municipal de Belém, de que Herculano fora efêmero presidente, pede à do Porto a doação de livros. E assim, na melhor tradição da RBPP, para lá seguem algumas escolhidas obras dos séculos XVI até princípio de XIX, das muitas que, no princípio da sua vida, lhe passaram pelas mãos e até, quem sabe, lhe despertaram o interesse.

13. Final

O triênio em que o jovem Herculano esteve ao serviço da Real Biblioteca Pública do Porto vincou para sempre esta instituição cultural. Mais não fizemos, agora, do que cumprir o dever de lhe prestar homenagem, no completo e medieval sentido que o termo transporta – o ato pelo qual um senhor se torna vassalo de um outro senhor, o seu suserano, estabelecendo-se, assim, uma rede de palavras, de direitos e de obrigações, aqui e hoje as palavras, os direitos e as obrigações do respeito e da memória de Alexandre Herculano. Portela das Cabras, fev. 2010 – Porto, nov. 2010.

Nota: Durante este Colóquio, graças à colaboração da Câmara Municipal do Porto (BPMP e AHMP) e do Arquivo Distrital do Porto, estiveram expostos, no átrio da Biblioteca Central da Faculdade de Letras, alguns importantes documentos de interesse herculaniano: a recém-adquirida “Perspectiva do Convento de Santo António da Cidade”, o livro de atas de sessões camarárias que contém a proposta de nomeação de Alexandre Herculano e o conhecimento de embarque, recibo e conta referentes ao transporte dos livros do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, aos quais se juntou o documento “Organização da Real Bibliotheca da Cidade do Porto” (coleção particular).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATA, Paulo J. S. – *As bibliotecas no liberalismo: definição de uma política cultural de regime*. “Análise Social”, Lisboa, v. 11, n. 174 (2005), p. 37-63.
- BARATA, Paulo J. S. – *Os livros e o Liberalismo: da biblioteca conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa, BN, 2003.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Alexandre Herculano: ciclo de conferências comemorativas do I centenário da sua morte. 1877-1977*. Porto: BPMP, GHC, 1979.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Alexandre Herculano: exposição bibliográfica comemorativa do I centenário da sua morte, 1877-1977*. Porto: BPMP, 1977.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Alexandre Herculano, 1810-1877: Por “Amor da Instrução”: exposição bibliográfica e documental*. Porto: BPMP, 2010.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *O Convento de Santo António da cidade: Exposição no 150º aniversário da instalação definitiva e da abertura oficial da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: BPMP, 1992.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Documentos para a sua História*. Porto: BPMP, 1933.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Exposição no 150º aniversário da sua fundação, 1833-1983*. Porto: BPMP, 1984.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Santa Cruz de Coimbra: a Cultura Portuguesa aberta à Europa na Idade Média =The Portuguese Culture opened to Europe in the Middle Ages*. Porto: BPMP, 2001.
- BRUNO, Sampaio – *A Bibliotheca Publica do Porto*. “Serões”, Lisboa, 2ª s. v. 3, n.16 (out. 1906) – v. 4, n. 20 (fev. 1907).
- CABRAL, Luís – *Alexandre Herculano e o património cultural: palavras “entre Douro e Minho”*. “Forum”, 46, 2011, p. 37-60.
- CABRAL, Luís – *A Real Biblioteca Pública do Porto: um projecto liberal*. Sep. “Páginas a & b”, s. 2, n.º 3 (2009), p. 29-38.
- CABRAL, Luís; MEIRELES, Maria Adelaide – *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Lisboa: Inapa, 1998.
- Herculano e o Porto*. “O Tripeiro”, Porto, a. 2, n. 64, 1, 1910, p. 446.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha – *Inventário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra à data da sua extinção*. Sep. “O Instituto”, Coimbra, v.101, 1943.
- Memória ácerca da livraria dos herdeiros do Bispo do Porto, D. João de Magalhães e Avelar ...* Lisboa: Typ .deAntonio José da Rocha, 1846.

NASCIMENTO, Aires Augusto do; MEIRINHOS, José Francisco – *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: BPMP, 1997.

NEMÉSIO, Vitorino – *A mocidade de Herculano até à volta do exílio (1810-1832)*. Lisboa: In-CM, 2003.

PEIXOTO, Jorge – *Alexandre Herculano, bibliotecário*. “Ocidente”, Lisboa, v.70, n. 336 (abr. 1966), p. 163-166.

PEIXOTO, Jorge – *Para a História dos bibliotecários portugueses: Alexandre Herculano na Biblioteca Pública do Porto (1833-1836)*. “O Comércio do Porto”, 27 jun. 1967; 11 jul. 1967.

RAMOS, Luís A. Oliveira – *A extinção das ordens religiosas: consequências culturais*. “*BibliothecaPortucalensis*”, Porto, II série, n.º 7, 1992, p. 7-25.

RIBEIRO, Fernanda – *O acesso à informação nos arquivos*. Lisboa: FCG, FCT, 2003, 2 vols.

VALENTE, Vasco – *Biblioteca Pública Municipal do Pôrto: novas achêgas para a sua História*. “Boletim Cultural. Câmara Municipal do Porto”, v.1, n. 3 (Set. 1938).